

## EDITORIAL

Ao chegar ao público o número 7 da Revista Educação e Filosofia estamos, no Brasil, às voltas com o Plano Collor ou Plano Brasil Novo, como o novo presidente da República, eleito – no nosso caso é relevante frisar – denominou o conjunto de medidas baixadas pelo seu governo para debelar uma inflação próxima dos 100% ao mês.

A euforia está nas ruas e toma conta das massas. E, se no estado policial que se montou com o plano de 1986 os fiscais eram o povo mobilizado, a frustração conseqüente de dois outros “milagrosos” projetos no decorrer da efêmera vida do cruzado deixou, agora, a fiscalização ostensiva de preços a cargo da polícia federal, apesar de toda a população, e não apenas os eleitores do vencedor, torcer pelo sucesso da nova política para, com isso, ingressarmos na *modernidade*, como prometem nossos dirigentes.

Contudo, a utilização da mídia, do marketing político e da própria força policial com frequência inusitada começa a advertir-nos a dar maior atenção ao fenômeno.

Voltando ao período eleitoral veremos o então candidato lançar mão do discurso anticomunista, postar-se acima dos partidos, chamar sobre sua pessoa a solução de todos os males do Brasil, pretéritos e presentes, como se tivesse ELE a força, o poder de executar tal façanha digna de super-heróis de gibis e tele-enlatados. Mais recentemente nós o veremos, num arroubo de arrogância, afirmar que o plano é dele e a *sua* palavra seria garantia de sucesso, depois de angariar votos detratando opositores, tirando-lhes votos ao garantir que lançariam mão de certas medidas que ele próprio, uma vez eleito, adotou.

A História nos ensina que o discurso anticomunista, o personalismo, a manipulação da opinião pública, o amordaçamento da imprensa e o aniquilamento da oposição foram práticas fascistas que, no geral, comoveram sobretudo aqueles a quem o nosso presidente denomina, parodiando Perón, os descamisados. O poder de comunicação de Hitler e Mussolini levava as massas à histeria e à aprovação incondicional de seus atos. O resto da História é conhecido.

A nossa democracia é muito tenra e, quiçá, esta seja apenas uma prova para seu fortalecimento. Afinal, além do Executivo, persistem ainda os poderes Judiciários e Legislativo. Que estejam imbuídos da defesa da nova constituição! Sobre tudo aqueles que estão de olho nas próximas eleições de 3 de outubro.

O tempo é de expectativa e vigília!

G.I.F.